



A FILOSOFIA CRISTÃ SOB O OLHAR DE LEONEL FRANCA *

Christian Philosophy Under the Eyes of Leonel Franca

José Neivaldo de Souza **

Resumo: Não há como desconsiderar o confronto fé e razão. Sempre existiu. Hoje, questões antigas sobre o sentido da vida exigem novas respostas. O objetivo deste artigo é trazer à tona a relação cristianismo e filosofia tendo na base o pensamento de Leonel Franca. Em sua época, havia os que entendiam a fé como alienação da realidade e os que defendiam a independência da fé em relação às ilusões da razão humana. Leonel Franca se posiciona buscando uma resposta para a pergunta: a fé é alienação ou responde ela, sem prejuízo da razão, aos anseios principais do ser humano? Para o pensador Jesuíta, o cristianismo, oferecendo um sistema de verdades, não só influenciou o pensamento ocidental, mas se abriu à cultura e à filosofia facilitando assim maior interação entre as duas instâncias. A síntese de Leonel Franca, trazendo a possibilidade do diálogo, responde também aos que defendiam a impossibilidade de uma filosofia cristã.

Palavras-chave: Cristianismo. Filosofia. Diálogo. Leonel Franca.

Abstract: It is impossible to ignore the conflict between faith and reason. It has always existed. Today, old questions about the meaning of life require new answers. The objective of this article is to bring to light the relationship between Christianity and philosophy based on the thinking of Leonel Franca. In his time, there were those who understood faith as alienation from reality and those who defended the independence of faith in relation to the illusions of human reason. Leonel Franca positions himself in search of an answer to the question: is faith alienation or does it respond, without prejudice to

* Artigo recebido em 16.04.2025 e aprovado para publicação em 31.07.2025.

** Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Mestre em Filosofia pela Universidade Angélicum de Roma e Mestre em psicologia Pela Universidade Tuiuti do Paraná. Docente junto ao Grupo Ser Educacional. E-mail: neivaldo.js@gmail.com.

reason, to the main desires of the human being? For the Jesuit thinker, Christianity, by offering a system of truths, not only influenced Western thought, but also opened itself up to culture and philosophy, thus facilitating greater interaction between the two. Leonel Franca's synthesis, bringing the possibility of dialogue, also responds to those who defended the impossibility of a Christian philosophy.

Keywords: Christianity. Philosophy. Dialogue. Leonel Franca.

Introdução¹

A relação fé e razão torna-se fundamental no pensamento do cristão contemporâneo, frente à indiferença do Mundo. Questões espirituais relacionadas ao sentido da vida exigem novas respostas culturais, científicas e tecnológicas. Diante deste desafio, seria a fé cristã uma alienação da realidade ou responde ela, influenciada pela filosofia ocidental, aos questionamentos acerca da autenticidade da existência humana?² O cristianismo, oferecendo um sistema de verdades, influenciou a filosofia privando-a de buscar a verdade por conta própria? São questionamentos colocados por pensadores, particularmente modernos, que defendem uma filosofia desinteressada dos princípios da fé.

Leonel Franca retoma estas questões, expondo a relação fé e razão a fim de tratar especificamente do confronto e da busca de diálogo entre cristianismo e filosofia. À luz dos principais Padres da Igreja, ele busca um entendimento acerca da influência filosófica no pensamento cristão dos primeiros séculos e, sob a Escolástica, procura entender se os princípios cristãos influenciaram a filosofia a ponto de denominá-la “serva”. Se no primeiro momento, o evangelho procura entender a filosofia como “precursora” que, no campo da razão, se interessa pelos fundamentos lógicos e metafísicos do cristianismo, no segundo momento, consolidado dogmaticamente, o pensamento cristão se impõe em meio às conquistas de novas culturas e pensamentos. Do séc. II ao séc. XIV, apesar de muitas reações, a filosofia se abriu à fé cristã e a fé cristã, enquanto ato não resolvido plenamente, se abriu à filosofia em busca da verdade sobre as “causas últimas”, Deus.³

Enquanto filósofo, Leonel Franca entende que é fundamental a abertura da razão à fé e, enquanto teólogo, encantado com o humanismo neotomista,

¹ Este artigo propõe-se a apresentar algumas ideias de Leonel Franca, tendo a intenção primordial de divulgar o pensamento de um importante pensador brasileiro do século XX que recebe pouca atenção no meio acadêmico atual.

² ALFARO, Juan. “Foi et Existence” in *Nouvelle Revue Théologique*, 6\1968, p. 561-580.

³ Cf. AQUINO, Tomas de. *Suma Teológica*, II, II, q. 2. São Paulo: Loyola, 2003. Disponível em: <https://sumateologica.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/06/suma-contra-os-gentios-volume-i-livro-2.pdf>. Acesso: 14/04/2025.

inaugurado e incentivado pela Encíclica *Aeterni Patris* do Papa Leão XIII, defende que a fé, sem o contato com o pensamento, construído sobre os fundamentos de uma ética civilizatória, dificilmente venceria os obstáculos psicológicos da Modernidade: ignorância e orgulho.⁴

Este artigo se propõe problematizar as questões levantadas acima. Leonel Franca, em seus debates, não só confrontava os filósofos que, indiferentes à fé, negligenciavam suas verdades, como também os religiosos negacionistas da razão que, de forma literal, entendiam a Bíblia como a única regra de fé e prática. Por ser teólogo jesuíta e filósofo neoescolástico, Franca é um pensador otimista e vê que o debate foi problematizado “com a cultura greco-latina nos primeiros séculos cristãos, repetiu-se na Idade Média com a civilização árabe, renova-se na época moderna e contemporânea com as culturas orientais, e no próprio ocidente cristão”.⁵

A partir de Leonel Franca é possível percorrer a história da relação entre filosofia ocidental e cristianismo a fim de analisar as influências, os conflitos e as buscas de soluções humanistas. A pergunta que se põe ao nosso autor é: é viável uma filosofia cristã?

1. A influência filosófica no pensamento cristão

Seria o cristianismo uma religião alienada da realidade ou responde ele às perguntas fundamentais da existência humana? A teologia cristã, de maneira geral, foi sistematizada sobre padrões metodológicos da filosofia. Os primeiros pensadores da Igreja adotaram o padrão espiritual-platônico. A Patrística grega entendeu que havia algo em comum entre a Ágora dos filósofos e o Calvário de Jesus. As duas sabedorias confluem, como queriam os Padres da Igreja, numa verdade. O pensamento filosófico tanto serviu para auxiliar na construção de dogmas como, por exemplo, a Santíssima Trindade, como para afirmar a superioridade da lógica em detrimento da crença.⁶

Percorrendo essas controvérsias, Leonel Franca quer observar, analisar e fortalecer, não só um discurso racional da fé, mas a fé num discurso que, apesar dos limites da razão, é capaz de se abrir à transcendência. Ele questiona o modelo moderno-racionalista que, diante de problemas fundamentais da existência humana, limita a razão e abandona a fé. Eis o que ele chama de “Crise da Modernidade”. Como preservar o edifício filosófico cristão das ameaças de um Positivismo que subjuga a religião e a manipula em favor

⁴ FRANCA, Leonel. *A Psicologia da fé*. Rio de Janeiro: Agir, (1934) 1958.

⁵ FRANCA, Leonel. *A Crise do Mundo Moderno*. Rio de Janeiro: Agir, 1955, p. 150.

⁶ PASTOR, Félix A., “El discurso del método en Teología”, in *Gregorianum*, 76\1\ Roma 1995, p. 70-73.

de um progresso sem Deus? Leonel Franca é um apologista da fé, concorda que Jesus não inaugurou nenhum sistema filosófico e tampouco fundou uma instituição religiosa, porém apresentou o caminho da salvação e, nesta empreitada, razão e fé são motivadas a buscar e comunicar essa verdade a toda a humanidade.⁷ Observando a realidade moderna e sua tendência ao ateísmo, seja teórico, ligado à razão, seja prático, ligado à religião, Leonel Franca resgata à filosofia o direito de pensar e fortalecer a fé cristã.

Lembrando a visita de Paulo que, com sua missão evangelizadora, tornou o cristianismo mais conhecido, Leonel Franca observa que o apóstolo facilitou o encontro de duas sabedorias. O conhecimento dos epicureus e estoicos foi confrontado com a possibilidade de um conhecimento de Deus, revelado em Jesus, crucificado e ressurreto.⁸ A esta afirmação acrescentamos o que disse o teólogo Balthasar: “Os gregos como «filósofos» procuram, o que Paulo sabe como «teólogo»”.⁹

De fato, com a entrada dos cristãos na cultura ocidental a mensagem acerca do mistério divino, revelado na pessoa de Jesus Cristo, tornou-se uma novidade e foi se espalhando. Paulo havia ressaltado a possibilidade de conhecer o Deus invisível, outrora revelado às consciências, e que, por motivo dos obstáculos morais da razão, foi ofuscado pelos ídolos, como nos relata a Carta aos Romanos (Rm 2, 1-32). Paulo abriu um caminho de diálogo, e ofereceu um modo de vida cujo sentido transcende o hedonismo epicurista e a mística estoica.

Com a expansão do cristianismo, a verdade evangélica foi confrontada com os padrões filosóficos da época. Neste confronto, surgiram os primeiros pensadores cristãos, cujo movimento, com métodos diversos de interpretação do Livro Sagrado, fundou escolas catequéticas. A Patrística, diria Felix Pastor, apesar de algumas reações eclesiásticas ao movimento, articulou numa dialética “a tensão *lumem rationis* e *lumem fidei*”,¹⁰ ressaltando a ideia de que a compreensão da revelação se dá no campo da compreensão humana.¹¹ Leonel Franca retoma a Patrística que, segundo ele, foi sistematizada como filosofia cristã, a fim de se contrapor àqueles que, na academia ou na igreja, não viam a possibilidade de conciliar teologia e filosofia.¹² Surgiram as primeiras heresias. Entre os gregos, Taciano se converteu ao gnosticismo e Tertuliano, o africano, ao montanismo.

Entre os primeiros pensadores cristãos, Leonel Franca destaca alguns pela importância que deram ao diálogo: Justino de Roma, Clemente de Alexan-

⁷ FRANCA, Leonel. *Noções de História da Filosofia*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1987, p. 53.

⁸ FRANCA, *A Crise*, p. 150.

⁹ BALTHASAR, H. U. “Encontrar Deus no mundo hoje”, in *Concilium* II, 6\1965, p. 23.

¹⁰ PASTOR, “El discurso del método en teología”, p. 70.

¹¹ VERWEYEN, H. “Ragione\Fede”, in LATOURELLE, R./ FISICHEL, R. *Dizionario di Teologia Fondamentale*, Assisi 1990, p. 887 (sigla DTF).

¹² FRANCA, *A Crise*, p. 151.

dria e Agostinho. Com razão, podemos ver o empenho de Justino em seus escritos, de maneira particular em sua *Apologia*, onde se dedica à capacidade da razão humana para as verdades fundamentais de ordem ético-cristã.¹³ Em sua época (séc II), sob o comando do Imperador Marco Aurélio, Roma passava por problemas sociais e religiosos, guerras, perseguição à “seita” dos cristãos e pensadores que não se ajustavam à ideologia do poder romano. Justino, como escreveu Hamman, “deu ao pensamento cristão o direito de cidadania”.¹⁴

Justino conquistou amigos e inimigos entre os intelectuais romanos. Para ele, “Os filósofos, enquanto viveram e normaram suas vidas segundo a reta razão, são, de certo modo, cristãos. Porém, em Cristo, os cristãos possuem a verdade íntegra, total”.¹⁵ Partindo da fé, sua apologia aponta para a função da filosofia: aplainar os caminhos da revelação divina. Étienne Gilson e Teilhard Chardin, filósofos simpáticos a Leonel Franca, parafrasearam Justino: “Tudo o que foi dito de bom, pertence-nos a nós cristãos”¹⁶ e “todas estas preparações eram cósmica e biologicamente necessárias para que Cristo pusesse os seus pés no mundo humano”.¹⁷

Leonel Franca vê no trabalho de Justino que, juntamente com outros cristãos, foi martirizado (em 165), a abertura que o cristianismo precisava para conquistar o seu espaço frente ao Panteon romano. Para Leonel Franca, o diálogo fé e razão, cristianismo e filosofia, na perspectiva de Justino, está em conceber que, na pessoa de Jesus Cristo, a razão humana pode se elevar à piedade e à verdade.¹⁸ A obra de Justino foi um alicerce para a Patrística latina e sobre ele foram edificadas as obras de Ambrósio de Milão, Jerônimo, tradutor da Vulgata, e Agostinho de Hipona.

Saindo de Roma, para o outro lado, no norte do Egito, Leonel Franca aborda outro pensador, um pedagogo cristão: Clemente de Alexandria. A razão, para este autor, tem um papel preponderante, como na Didascália, para instruir, conduzir e interpretar um texto, como era comum aos autores no teatro grego.¹⁹ Não obstante, ela prepara os pagãos para a revelação cristã; seu padrão platônico-cristão aparece nas suas principais obras: *Protrettico* introduz a mensagem cristã na pesquisa helenística e tem como endereço os intelectuais gregos; *Pedagogo* instrui o novo cristão ao novo modelo de pessoa: Jesus Cristo, que forma a pessoa, educando-a na Palavra e acompanhando-a em seu processo espiritual; *Stromati* é uma apologia da fé, diante de polêmicas e disputas com os gnósticos, e tem como objetivo

¹³ JUSTINO MÁRTIR. *Apologias I*, 46, 3-4. São Paulo: Paulinas, 1995.

¹⁴ HAMMAN, A. G. *Os Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 25-34.

¹⁵ JUSTINO MÁRTIR, *Apologia*, 46, 2.

¹⁶ *Ibid.*, 13, 4. GILSON, E. *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*. Paris: Vrin, 1969, p. 22.

¹⁷ CHARDIN, Teilhard. *Science et Christ*. Paris: Éditions du Seuil, 1963, p. 90.

¹⁸ FRANCA, *A crise do mundo moderno*, p. 153.

¹⁹ FRANCA, *A crise do mundo moderno*, p. 154.

o conhecimento cristão, defendendo “a transcendência divina, a tese da criação, a espiritualidade e a liberdade da alma”.²⁰ Hamman, estudioso da Patrística, concorda que estas obras contribuíram para que o cristianismo ampliasse sua missão também na cultura intelectual do mundo grego.²¹

Leonel Franca lembra que, na *Stromati*, Clemente de Alexandria trata da influência recíproca entre filosofia e cristianismo, relação que tem como analogia justiça e piedade. Para o pensador alexandrino, a filosofia serviu para ensinar aos gregos a justiça e hoje ela é necessária ao raciocínio acerca da piedade: “É verossímil que Deus tenha dado a filosofia aos gregos, antes de chamá-los à fé. De fato, como a lei aos hebreus, assim a filosofia serviu aos gregos de pedagogia para levá-los a Cristo”.²²

Para Leonel Franca há dois horizontes implícitos nesta passagem a serem resolvidos: a abertura à revelação e a tarefa da filosofia. Ao cristão cabe recolher os conhecimentos acerca da verdade divina, anterior e após a revelação de Jesus Cristo, espalhados entre judeus, gregos e bárbaros, pois a filosofia vem de Deus, causa de todos os conhecimentos. A revelação não elimina a filosofia, mas presta-lhe grande auxílio na busca da verdade, como “um muro construído ao redor da vinha do Senhor”.²³ Para o nosso autor, Clemente colaborou para o desenvolvimento da Patrística grega que contou com nomes importantes como: Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzeno e João Crisóstomo.

Agostinho, no segundo período da Patrística (325-430) tem a sua influência entre aqueles que buscam resolver o diálogo entre fé e razão. Segundo Leonel Franca, o Bispo de Hipona é “o grande vulto” da Patrística, “que, mais do que nenhum outro, apresenta para a história da filosofia particular importância. (...) Deus e a alma são o centro de todas as suas especulações”.²⁴ De fato, combatendo as heresias de Ário, Pelágio e Nestório, ele faz entender que a razão é imanente à alma de quem ainda não crê em Deus e à alma de quem já crê em Deus. Se, no primeiro caso, a inteligência precede à fé e tem como missão investigar a legitimidade da doutrina cristã, por outro lado, a fé precede a inteligência e, na alma iluminada pela graça, vai se aprimorando na compreensão da revelação divina. Há um movimento dialético entre *gnosis* e *Pístis*. Uma leva à outra e vice-versa.²⁵ Traçada a base do diálogo razão e fé, qual é a responsabilidade da filosofia contra a barbárie, a favor da civilização?

²⁰ FRANCA, *Noções de História da Filosofia*, p. 114.

²¹ HAMMAN, A. G. *L'uomo Immagine Somigliante di Dio*. Milano: Paoline Editoriale Libri, 1991, p. 154-160.

²² CLEMENTE. *Stromati*, I, V, in MIGNE, P. G., VIII, 717. Esta alusão se encontra em: FRANCA, *A Crise do mundo moderno*, p. 155.

²³ FRANCA, *A crise do mundo moderno*, p. 155.

²⁴ FRANCA, *Noções de História da Filosofia*, p. 115-116.

²⁵ AGOSTINHO, Santo. *Sermão 43,7*. Disponível em: https://archive.org/details/santo-agostinho-sermoes-i_20201130/page/735/mode/2up. Acesso 02/04/2025.

Para Leonel Franca, o filósofo de Tagaste tratou de responder a esta questão demonstrando que a barbárie aparece geralmente no não reconhecimento do outro, na sua eliminação. Uma religião ingênua, fechada ao pensamento, pode justificar a barbárie sem que tenha ciência de seu envolvimento. Franca, ao estudar a Patrística em geral e, de maneira particular, os autores elencados acima, vê o quanto o cristianismo, ao se abrir à filosofia e aos seus padrões metodológicos, a influenciou enormemente, pois “reconhece à filosofia o direito de existir”.²⁶ Esta Iniciativa foi fundamental para o processo civilizatório, pois ao entrar nesta relação, visando a escuta, sem perder o lugar de fala, cristianismo e filosofia só se fortaleceram.

2. A Influência cristã no pensamento filosófico

O cristianismo, oferecendo um sistema de verdades, influenciou a filosofia privando-a de buscar a verdade por conta própria? Leonel Franca, ao percorrer o pensamento medieval, observa que na Europa, a partir do século VII, delineou-se, sob a proteção da Igreja, uma renascença filosófica que se estendeu até o seu auge no século XIII.²⁷ Sob a dogmática latina, vigorou nas escolas o padrão aristotélico-cristão: *theologiae ancilla philosophia* — aqui a filosofia era entendida como serva da fé. Não obstante, houve oposição a este modelo por escotistas e nominalistas que se opunham aos “abusos da razão filosófica” e, com isso, abriram o caminho para o racionalismo moderno sobre o qual, escreveu Balthasar, “foi negado todo conhecimento de Deus filosoficamente justificável”.²⁸

Independentemente da oposição, de acordo com Franca, acentuamos alguns teólogos da Igreja que buscaram na filosofia um suporte. A formação inicial da Escolástica foi de transição. Apesar de buscar o auxílio da filosofia, como Anselmo de Cantuária, ela não se apegou a nenhum padrão, se opôs ao nominalismo que negava à filosofia o acesso aos universais, isto é, às “representações intelectivas, necessárias, imutáveis e aplicáveis a um número indefinido de indivíduos”.²⁹ Para Franca, o bispo de Cantuária buscou sintetizar todos os conhecimentos anteriores relacionados ao diálogo fé e razão, e com sua posição concorda Etienne Gilson, ao observar que Anselmo incluiu a dialética em sua síntese teológica.³⁰ Entendemos que Anselmo fortaleceu a teologia abrindo-se à compreensão da razão, como lemos no *Proslogion*:

Não tento, ó Senhor, penetrar a tua profundidade: de maneira alguma a minha inteligência amolda-se a ela, mas desejo, ao menos, compreender a tua

²⁶ FRANCA, *A crise do mundo moderno*, p. 157.

²⁷ FRANCA, *Noções de História da Filosofia*, p. 125.

²⁸ BALTHASAR, H. U. VON. “Encontrar Deus no mundo hoje”, in *Concilium II*, 6/1965, p. 22.

²⁹ FRANCA, *Noções de História da Filosofia*, p. 132.

³⁰ GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 291-304.

verdade, que o meu coração crê e ama. Não busco compreender para crer, mas creio para compreender. Efetivamente creio, porque, se não cresse, não conseguiria compreender.³¹

É possível descer da segurança da fé para o plano da inteligência? Para Anselmo, este é o caminho. Ela conforta e auxilia a razão que, por sua vez, respeita a autoridade cristã e busca confirmar sua doutrina. Estas posições, segundo Franca, geraram controvérsias entre os dialéticos, particularmente Abelardo, ao defender que “a teologia é um prolongamento natural da filosofia” e não o contrário.³² A interpretação de Leonel Franca acerca da obra de Anselmo vai em direção ao diálogo, isto é, não devemos entender a filosofia como uma submissão das especulações ao dogma e nem o contrário, mas duas verdades que buscam colaboração e não negação.

No auge da Escolástica, segundo o nosso autor, essa colaboração será desenvolvida em outra síntese: na teologia de Tomás de Aquino que “rompe com todos os princípios que não harmonizam com os princípios fundamentais da filosofia de Aristóteles”.³³ Ao citar o Doutor Angélico, Franca defende que o Sumo Bem se dá a conhecer ou se comunica naturalmente à razão.³⁴ Há o entendimento de que há dois modos através dos quais a verdade suprema se manifesta: diretamente pela revelação e indiretamente pelas faculdades cognoscitivas.³⁵ A esta interpretação, É. Gilson acrescenta que há uma diferenciação na síntese teologia e filosofia quanto à finalidade e ao método.³⁶ Quanto à *finalidade*, a teologia tem como fim o mistério da salvação e, por conseguinte, há lugar para a filosofia já que ambas se interessam pela verdade. Com relação aos *métodos*, a filosofia procura argumentar sobre a causa de todas as coisas. O fiel parte da Primeira causa afirmando-a a partir da fé na autoridade da revelação divina.³⁷

Franca concorda com Tomás de Aquino que todo conhecimento vem de Deus, causa primeira, o motor imóvel. Se há princípios que contradizem essa verdade, não pode haver sabedoria ali. Por isso, para o Doutor Angélico, conhecer a natureza das coisas é um ato teológico, pois são reveladoras da sabedoria, da beleza e do amor divinos.³⁸ O objeto material das duas instâncias, revelação e razão, teologia e filosofia, pode ser comum, apesar do objeto formal ser diverso. É nesta harmoniosa relação que o Aquinate divide em três os tipos de auxílios que a filosofia pode dar à teologia 1) provando, por investigação, os preâmbulos da fé; 2) clareando mediante analogia as

³¹ ANSELMO, Santo. Proslogion, in *Os Pensadores VII*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 107.

³² FRANCA, *Noções de História da Filosofia*, p. 138.

³³ FRANCA, *Noções de História da Filosofia*, p. 156.

³⁴ FRANCA, *A crise do mundo moderno*, p. 159.

³⁵ FRANCA, *Noções de História da Filosofia*, p. 80.

³⁶ BOEHNER, P. e GILSON, É. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 449-453.

³⁷ TOMÁS DE AQUINO. *Contra Gentios*, II, 4. q. 3.

³⁸ *Ibid.*, I, VII, q. 5.

coisas da fé; 3) combatendo aquilo que se diz falsamente contra a fé. Essas exigências racionais de Tomás, segundo Franca, fortalecem a credibilidade dos dogmas cristãos, pois “antes de crer, demonstra a razão que se deve crer”.³⁹

Neste sentido, a filosofia é valiosa também nos lugares onde a razão não tem domínio, pois compete a ela, por analogias, clarear os mistérios e demonstrar que o transcendental não é antirracional.⁴⁰ Assim, os conhecimentos da fé e da razão autônoma, apesar de distintos, não são contraditórios, ainda que a relação entre ambos parta dos mistérios da fé.

3. Cristianismo e Filosofia Moderna: Controvérsias em busca de diálogo

A filosofia moderna se caracteriza pela independência metodológica e um estranhamento a tudo o que não é medido pela razão humana. Neste contexto, Leonel Franca reage em defesa da racionalidade da fé, isto é, de sua capacidade de transcender, ir além dos limites da pura existência humana. Para ele, a maioria dos pensadores modernos não foram capazes de inovar o saber sem destituí-lo de seus fundamentos metafísicos.⁴¹ A renascença escolástica é, para o nosso autor, uma reação às controvérsias da Modernidade. Enquanto movimento, começou com a Encíclica *Aeterni Patris* de 04 de agosto de 1879, do Pontífice Leão XIII, que propôs aos intelectuais cristãos, não só defenderem a fé de um mundo em processo de secularização, mas o renascimento escolástico que articula a síntese fé e razão, cristianismo e filosofia.⁴²

Para Leão XIII e os pensadores cristãos, a filosofia de Tomás de Aquino abrangia todos os campos do saber, pela precisão de suas fórmulas e clareza no raciocínio, em benefício da sociedade e das ciências.⁴³ A Encíclica *Aeterni Patris* foi divulgada entre os principais institutos católicos da Europa e, no Brasil, sob influência do pensamento do Cardeal Mercier e do filósofo Jacques Maritain, foi fundado no Rio de Janeiro o centro D. Vital. A revista *A Ordem*, ligada ao centro, publicou inúmeros artigos articulando, numa perspectiva do sistema tomista, fé cristã e filosofia.

Em oposição ao espírito da Filosofia Moderna, o Renascimento escolástico tratava da natureza e legitimidade da filosofia cristã. Num momento em que

³⁹ FRANCA, Leonel. *Alocuções e Artigos*. Tomo II, Rio de Janeiro: Agir, 1954, p. 15.

⁴⁰ FRANCA, *Noções de História da Filosofia*, p. 81.

⁴¹ FRANCA, *Noções de História da Filosofia*, p. 284.

⁴² LEÃO XIII. “Aeterni Patris” In: LEONIS XIII. *ACTA SANCTAE SEDIS I*, Tomo II, fasc. 135, 1879. Disponível em <https://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Traducao-Aeterni-Patris.pdf>. Acesso: 02/04/2025.

⁴³ CAMPOS, Fernando Arruda. *O Tomismo Hoje*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 35.

a teologia sistemática se abre ao diálogo com outras correntes de pensamento, a fim de derrubar preconceitos e construir novos sentidos de vida, surgem oposições e questionamentos acerca da possibilidade de uma filosofia cristã. É neste debate que Leonel Franca, o apologista da fé, se coloca. Ele parte da filosofia perene que, segundo ele, é um sistema de pensamento para todas as épocas e inteligências.⁴⁴

O contexto Moderno se expressa pela separação da razão, da filosofia em relação à fé, à revelação cristã. Émile Bréhier, sucessor de Henri Bergson na cátedra da Sorbonne Université em 1941, havia questionado sobre a influência do cristianismo e a impossibilidade de uma filosofia cristã.⁴⁵ Em 1900 Adolf von Harnack havia publicado “A Essência do cristianismo”,⁴⁶ levando muitos pensadores a questionarem a relação metafísica do cristianismo. O conceito de essência era entendido no mesmo sentido de Feuerbach, isto é, pós-idealista. Esta posição gerou controvérsias entre os filósofos católicos. Étienne Gilson, professor de História da Filosofia na Sorbonne, reagira observando que

É cristã toda filosofia que, criada por cristãos convictos, distingue entre os domínios da ciência e da fé, demonstra suas proporções com razões naturais, e não obstante vê na revelação cristã um auxílio valioso, e até certo ponto, mesmo moralmente, necessário para a razão.⁴⁷

A posição de Gilson pareceu mais coerente para o diálogo pois, para ele, a existência histórica de uma filosofia cristã se constata pelos sistemas que, não teriam sido o que foram, senão por influência da religião cristã.⁴⁸ Leonel Franca segue nesta mesma esteira. Para ele, a filosofia não se limita à história, vai além, transcendendo a cultura, influenciando visões de mundo. Considerando o que foi debatido acima, para ele, a filosofia se abriu aos princípios morais dos cristãos e o cristianismo, da mesma forma, viu na filosofia a capacidade de articular, na pluralidade de culturas, um raciocínio lógico que sustentasse o edifício dogmático da Igreja. Para o filósofo jesuíta, a razão se abre à fé reciprocamente, e num acordo imprescindível acerca das evidências naturais e sobrenaturais, as verdades cridas se transformam em verdades sabidas e vice-versa.⁴⁹

Leonel Franca se junta a uma gama de pensadores renomados que, mais tarde, daria mais sustentação ao diálogo cristianismo e filosofia: Maurice Blondel, M. Roland-Gosselin e Jacques Maritain. Para estes pensadores, revelação e raciocínio são autônomos, porém, auxiliares em busca da verdade. Aos

⁴⁴ FRANCA, *Alocuções e Artigos. Tomo II*, p. 27.

⁴⁵ BRÉHIER, Emile. *Histoire de la Philosophie*. Paris: Alcan, 1927.

⁴⁶ HARNACK, A. *Das Wesen des Christentums*, (1901). Tradução italiana. a cura G. BONOLA, *L'Essenza del Cristianesimo*, Brescia: Queriniana, 1992.

⁴⁷ BOEHNER e GILSON, *História da Filosofia Cristã*, p. 9.

⁴⁸ GILSON, *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*, p. 39.

⁴⁹ FRANCA, *A crise do mundo moderno*, p. 164-166.

negacionistas da fé ou da razão, Blondel se opõe afirmando uma simbiose, já que no pensamento humano há uma falta incurável, mas desejo de completude,⁵⁰ como também observa Gilson: “descobre em si *exigências* que a natureza não satisfaz, um inacabado sempre naturalmente inacabável e, no entanto, incoercivelmente ávido de acabamento”.⁵¹

A ideia de Roland-Gosselin acerca de uma filosofia livre e específica que, pela vontade, poderia se tornar cristã, foi simpática a Leonel Franca. Roland-Gosselin distinguia as finalidades do pensamento: *específica* e *obediencial*. Se a primeira constitui sua própria natureza a outra vai torná-lo “capaz dos acréscimos gratuitos que, salvo abuso definitivo da liberdade, o orientam para a visão beatífica”.⁵² Jacques Maritain, nesta mesma reflexão, iria observar que a filosofia, enquanto disciplina autônoma, é livre para aderir ou não às verdades cridas, e assim ela se distingue entre “natureza” e “estado”. Uma é genuína e puramente racional e pode discordar dos princípios cristãos; a filosofia cristã, enquanto um exercício em direção ao espírito, pode sim vivenciar um “estado cristão”. É no estado cristão que a filosofia, nos caminhos da metafísica, opta por conhecer o mistério divino:

a metafísica só nos faz conhecer a Deus por analogia, naquilo que Ele não tem de próprio, na comunhão destas perfeições transcendentais que se encontram ao mesmo tempo — de modos infinitamente diversos — n’Ele e nas coisas. O fruto mais perfeito da vida intelectual deixa ainda o homem insatisfeito.⁵³

Leonel Franca, entre Blondel, Roland-Gosselin e Maritain, quer se enveredar por uma filosofia aberta que, apesar de estar no mundo, o transcende e se beneficia com as reflexões acerca dos mistérios da Santíssima Trindade e do Verbo encarnado.⁵⁴ Esta abertura repercute no pensamento contemporâneo apresentado por Karl Rahner e Max Scheler.

Karl Rahner, também teólogo jesuíta, trabalha uma síntese entre teologia e filosofia em sua obra *Cristianismo Anônimo*, onde contrasta ideologia e Cristianismo. Estimulado pela tradição teológica católica e o existencialismo de Martin Heidegger, Rahner retoma, na mesma direção de Franca, a crise da modernidade e observa que a razão, apesar de ter assumido novos rumos, é passível de críticas, ao ver o cristianismo como uma ideologia religiosa em oposição à ciência e ao pensamento filosófico, pois “As ideologias excluem-se mutuamente nas suas doutrinas e objetivos e não

⁵⁰ BLONDEL M. *Exigencias filosóficas del cristianismo*, Barcelona: Herder, 1966.

⁵¹ GILSON, in BLONDEL, M. *Le Problème de la Philosophie Catholique*. Paris: Bloud et Gay, 1932, p. 135.

⁵² GOSSELIN, R. “Béatitude et désir naturel d’après S. Thomas d’Aquin”, in *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 1934, p. 193-222. Cf. FRANCA, *A Crise do mundo moderno*, p. 169.

⁵³ MARITAIN, Jacques. *Les Degrés du Savoir*, Paris: Desclée de Brower, 1932, p. 14.

⁵⁴ FRANCA, *A crise do mundo moderno*, p. 166.

são mais do que aquilo em que mutuamente se negam e se combatem”. O cristianismo, ao contrário de uma ideologia religiosa, tem sua tradição teológica elaborada sobre bases racionais e filosóficas.

Max Scheler, tratando da influência do personalismo cristão na filosofia, observa que a influência é mútua. É importante que a filosofia e a teologia aprofundem e reflitam mais a inesgotável fonte da filosofia cristã que tem não no conflito, mas no confronto e no diálogo sua sustentação. Scheler, contemporâneo de Franca, navegou no personalismo abrindo as portas para as reflexões fenomenológicas acerca da vida espiritual. A fé, para ele, é uma forma de conhecimento, apesar de ser emocional e intuitiva; a faculdade da razão, seja pelo caminho teórico da filosofia ou pela estrada prática da ciência, complementa tal conhecimento ao organizar e refletir a experiência coletiva do sagrado. Franca é simpático ao pensamento de Scheler, ao observar que há uma ética dos valores onde podemos incluir a experiência da fé como complemento essencial à vida moral:

quando a metafísica que só é capaz de dar uma resposta ao problema da causa e do sentido do mundo é descurada ou quando os seus problemas são resolvidos por cada indivíduo, segundo as suas disposições subjetivas, os valores sobre os quais os homens podiam unir-se entram pouco a pouco a degradar-se.⁵⁵

Karol Wojtyła exalta o pensamento de Scheler, que no tom personalista cristão de Leonel Franca, aborda a importância do ser humano que liga seu valor superior, não só aos fatores biológicos e sociais, mas aos valores espirituais e os valores do sagrado. Na filosofia da religião de Scheler, o diálogo entre fé e razão tem outro caminho para chegar a Deus, não a partir da existência do mundo ou da experiência do indivíduo fundamentada em deduções acerca da causalidade, mas abordando a ideia de um certo elemento objetivo, de valor do divino, dado ao ser humano na percepção afetiva e intuitiva: “o próprio valor do ‘divino’, do absolutamente ‘sagrado’, se dá, fundamentalmente, na percepção afetiva intencional e no amor emocional, como todos os outros tipos de valores”.⁵⁶

Em consonância com o pensamento dos dois autores mencionados acima, Leonel Franca critica, não a filosofia pelos seus métodos, mas o preconceito que obscurece e desampara a razão, não deixando ver que a fé precisa de seu suporte racional a fim de verificar a inteligibilidade e as verdades universais que produzem e sustentam sua teologia. Esta compreensão aparece na Carta Encíclica do Papa João Paulo II: *Fides et Ratio* ao afirmar:

Se o teólogo se recusasse a utilizar a filosofia, arriscar-se-ia a fazer filosofia sem o saber e a fechar-se em estruturas de pensamento pouco idôneas à compreensão da fé. Se o filósofo, por sua vez, excluísse todo o contato com a teologia, ver-se-ia na obrigação de apoderar-se por conta própria dos conteú-

⁵⁵ SCHELER, Max. *Von Ewigen im Menschen*, I, p. 445. Cf. FRANCA, A *Crise do mundo moderno*, p. 206.

⁵⁶ WOJTYLA, Karol. *Max Scheler e a Ética cristã*. Curitiba: Champagnat, 1993, p. 140.

dos da fé cristã, como aconteceu com alguns filósofos modernos. Tanto num caso como no outro, surgiria o perigo da destruição dos princípios básicos de autonomia que cada ciência justamente quer ver garantidos.⁵⁷

Leonel Franca reconhece a limitação da filosofia: “no plano da inteligência, do amor e da vida, a filosofia é impotente para dar ao homem a plenitude de que ele se sente capaz e à qual aspira como a um ideal definitivamente pacificador”.⁵⁸ No entanto, não descarta a possibilidade de transcendência do pensamento, isto é, o estado aberto às esperanças humanas, às perspectivas de mais altos destinos.⁵⁹ Ele é otimista em relação ao diálogo. Para ele, todos nós, em nossa finitude, ansiamos pelo que é eterno e, nesta falta, presenciamos a possibilidade de uma filosofia que busca a transcendência humana: “que missão mais sublime lhe podia tocar do que contribuir para acordar nas almas o desejo de ver Deus! Nunca a filosofia se denominou mais genuinamente cristã, mas também nunca se afirmou tão autenticamente filosofia”.⁶⁰

Conclusão

No que tange ao diálogo cristianismo e filosofia, Leonel Franca se encaixa na ideia de uma fé prática, misturada na cultura, que provoca a razão e exige raciocínios lógicos e metafísicos que ajudem a revelar, cada vez mais, os mistérios da encarnação.⁶¹ À filosofia cabe discernir, em diálogo com a teologia, *humildade* e *grandeza*: humildade, porque se reconhece finita e não consegue solucionar inteiramente todos os problemas da humanidade; porém, sua grandeza está em provocar as consciências para perseguir as verdades eternas.

Para Leonel Franca, é legítimo o recurso filosófico da Teologia, como são legítimas também as provocações metafísicas da teologia. Importante é, para o nosso autor, acreditar na colaboração recíproca entre as duas fontes de verdade: filosofia e teologia, fé cristã e razão. O cristianismo se serve da razão humana, não só para construir dogmas, que pertencem ao campo da fé, mas para ajudar a iluminar o que neste campo ainda é obscuro e duvidoso ao entendimento.

Por fim, o que Franca critica na filosofia é o preconceito que obscurece e desampara a razão, não deixando ver que, diria o grande escritor russo,

⁵⁷ JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio: sobre as relações entre fé e razão*. 2º. Ed. São Paulo: Paulus, 1998, p. 81.

⁵⁸ FRANCA, *A crise do mundo moderno*, p. 168.

⁵⁹ FRANCA, *A crise do mundo moderno*, p. 172.

⁶⁰ FRANCA, *A crise do mundo moderno*, p. 173.

⁶¹ FRANCA, *A crise do mundo moderno*, p. 220.

Fiódor Dostoiévski: “o incomensurável e o infinito são tão necessários ao homem como o pequenino planeta que pisa”.⁶²

O pensamento de Leonel Franca reverbera ainda hoje naqueles que criticam, não só uma razão absolutamente subserviente às comprovações empíricas da ciência e da tecnologia, mas uma fé mercadológica que confunde o fiel com o consumidor; que cultiva uma crença individual com base numa ideia privada de Deus, sem o auxílio simbólico das analogias. A razão sem fé e a fé sem razão desembocam numa demanda de prosperidade que só uma crença positivista tenta resolver, comprando sua própria salvação, como bem observa o pensador espanhol José M. Mardones:

Não é de estranhar que haja um ressurgimento de bruxos e cartomantes, um exército de médiuns espirituais que procuram controlar o ingovernável e submeter à vontade do usuário a marcha do presente e do futuro. Em tempos de desconfiança sobre a razão, apela-se para o mistério e para o enigma a fim de manipular o incontrolável. Uma antiga receita que surge novamente, mostrando as tendências atávicas do ser humano. Atualmente, há mais “bruxos” em Paris ou em Madri do que sacerdotes e religiosos/as.⁶³

Na visão de Leonel Franca, no que diz respeito à influência do Cristianismo sobre a filosofia, há muito o que fazer, porém cabe a nós continuarmos as reflexões que aprofundam e reflipam a inesgotável fonte da filosofia cristã. Eis porque é importante retomar o pensamento de Franca. Ele foi um autor polêmico na década de 40, e continua a ser hoje, após meio século, provocando a inteligência. Não podemos nos contentar com a ignorância religiosa ou com as ilusões do “paraíso na terra”, mas buscar num patrimônio de verdades, construído pelo desejo de Deus, algo que possa nos orientar a consciência.⁶⁴

É preciso recuperar o que se perdeu na modernidade, seja ela cientificista ou fideísta, uma abertura para o diálogo. É preciso debater sobre questões, ainda que arriscadas, que buscam esclarecer as verdades seja no campo natural ou sobrenatural.

Referências

AGOSTINHO. Santo. *Sermão 43, 7*. Disponível em: https://archive.org/details/santo-agostinho-sermoes-i_20201130/page/735/mode/2up. Acesso 02/04/2025.

ALFARO, Juan. “Foi et Existence” in *Nouvelle Revue Théologique*, 6\1968, p. 561-580.

ANSELMO, Santo. “Proslogion, I” in: *Os Pensadores VII*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

⁶² DOSTOIEVSKY, Fiódor. *Les Possédés*, Paris: Éditions Bossard, 1925, III, p. 342.

⁶³ MARDONES, José M. *A Vida do Símbolo*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 144.

⁶⁴ SOUZA, José Neivaldo. *Imagem Humana à Semelhança de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 144.

- BALTHASAR, H. U. VON. “Encontrar Deus no mundo hoje”, in *Concilium* II, 6\1965.
- BOEHNER, P. e GILSON, É. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- BRÉHIER, Emile. *Histoire de la Philosophie*. Paris: Alcan, 1927.
- BLONDEL M. *Exigencias filosóficas del cristianismo*. Barcelona: Herder, 1966.
- BLONDEL, M. *Le Problème de la Philosophie Catholique*. Paris: Bloud et Gay, 1932.
- CAMPOS, Fernando Arruda. *O Tomismo Hoje*. São Paulo: Loyola, 1989.
- CHARDIN, Teilhard. *Science et Christ*. Paris: Éditions du Seuil, 1963.
- DOSTOIEVSKY, Fiódor. *Les Possédés*, Paris: Éditions Bossard, 1925, III, 342.
- FRANCA, Leonel. *A Psicologia da fé*. Rio de Janeiro: Agir, (1934) 1958.
- FRANCA, Leonel. *A Crise do Mundo Moderno*. Rio de Janeiro: Agir, 1955.
- FRANCA, Leonel. *Noções de História da Filosofia*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- FRANCA. *Alocuções e Artigos. Tomo II*. Rio de Janeiro: Agir, 1954.
- GILSON. Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- GILSON, E. *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*. Paris: Vrin, 1969.
- HAMMAN, A. G. *Os Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- HAMMAN, A. G. *L'uomo Immagine Somigliante di Dio*. Milano: Paoline Editore Librai, 1991.
- HARNACK, A. *Das Wesen des Christentums*, (1901). Tradução italiana a cura G. BONOLA, *L'Essenza del Cristianesimo*, Brescia: Queriniana, 1992.
- JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio: sobre as relações entre fé e razão*. 2º. Ed. São Paulo: Paulus, 1998.
- JUSTINO MÁRTIR. *Apologias* I, 46, 3-4. São Paulo: Paulinas, 1995.
- LEÃO XIII. “Aeterni Patris” In: LEONIS XIII. *ACTA SANCTAE SEDIS* I, Tomo II, fasc. 135, 1879. Disponível em <https://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Traducao-Aeterni-Patris.pdf>. Acesso: 02/04/2025.
- MARDONES, José M. *A Vida do Símbolo*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- MARITAIN, Jacques. *Les Degrés du Savoir*. Paris: Desclée de Brower, 1932.
- PASTOR, Félix A., “El discurso del método en Teología”, in *Gregorianum*, 76\1\ Roma 1995, p. 70-73.
- RAHNER, Karl. “Ideologia e Cristianismo” in *Concilium* II, 6\1965, p. 41.
- ROLAND-GOSSELIN, B. “Béatitude et désir naturel d’après S. Thomas d’Aquin”, in *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 1934, p. 193-222.
- SOUZA, José Neivaldo. *Imagem Humana à Semelhança de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. Porto Alegre: EST/Caxias do Sul: UCS, 1990.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2003.

WOJTYLA, Karol. *Max Scheler e a Ética cristã*. Curitiba: Champagnat, 1993.

VERWEYEN, H. "Ragione\Fede", in LATOURELLE, R./ FISICHELA, R. *Dizionario di Teologia Fondamentale*, Assisi 1990.